



## ENTRE O HEROI E O VILÃO: representações da mídia sobre Hugo Chávez

Camila da Silva Lucena<sup>1</sup>

### 1 INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

No dia 5 de março de 2013, o então presidente da Venezuela, Hugo Chávez, morre e entra para a história como um mito latino-americano contemporâneo. Porém os sentidos para o ser “mito” vão ser distintos considerando-se os lugares discursivos a partir dos quais se produz um recorte na memória. Entendemos que um dos espaços privilegiados para se observar essas distintas representações é aquele da mídia, considerando a força que possui na formação de opinião e difusão de imaginários, poder reconhecido e utilizado pelo próprio Hugo Chávez, que teve uma atuação marcada pela sua onipresença midiática<sup>3</sup>.

Isso acontece no ano de 1992, quando na tentativa de um golpe prematuramente fracassado, Chávez entra em rede nacional para anunciar sua rendição, porém deixa no ar um “*por enquanto*”, que provoca uma onda de curiosidade em toda a Venezuela, situação da qual tirou vantagem. (BARRERA & MARCANO, p. 98). Após essa declaração, vai preso e, a partir daí, começa a peregrinação de diferentes esferas da sociedade para conhecer o militar que queria derrubar o sistema que o formou. Nessa época, a mídia foi a principal responsável pela disseminação da imagem de Chávez, isto é, pela propagação de uma imagem inicialmente classificada como positiva, assim como afirma Krause (2013, p. 88), atitude da qual claramente mais tarde vem a se arrepender. Esta posição da mídia pode ser explicada pela situação da Venezuela naquele momento do pós-golpe. O país, ao

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras-Licenciatura em Espanhol pela UFPE, bolsista do CNPq ([camila.lucena@live.com](mailto:camila.lucena@live.com)).

<sup>2</sup> Este trabalho faz parte do projeto de iniciação científica “Representações da mídia sobre Hugo Chávez: os processos de designação na trama do discurso”, orientado por Fabiele Stockmans De Nardi.

<sup>3</sup> O termo onipresença midiática aparece com muita frequência na obra de Barrera e Marcano (2006) e Krause (2013) para referir à presença constante de Hugo Chávez na mídia. O maior exemplo disso talvez tenha sido o seu programa dominical *Aló, presidente*, no qual, ao vivo, discursava, falava com o povo, despedia funcionários, decretava leis e projetos. Após sua morte, seu sucessor e atual presidente da Venezuela Nicolás Maduro renomeou o programa de “*Aló, comandante*”, cujo objetivo foi reprisar todos os programas realizados por Hugo Chávez. Em seguida, inaugurou seu próprio programa intitulado de “*diálogo bolivariano*”.

contrário de outras nações latino-americanas, era uma democracia durante o período de 1959 a 1989, mas vivia uma profunda crise interna que ajuda a compreender o ambiente em que Hugo Chávez surgiu, usando a seu favor a insatisfação do povo com o atual estado do país e com o regime em vigência. O que fez Chávez foi “levar a guerra até a mídia e alcançar, por intermédio dela, a consciência do país.” (KRAUSE, 2013, p. 149).

Desde então, Chávez não mais saiu do meio midiático. O que se percebe, entretanto, após esse momento de efervescência inicial, é a desconstrução de sua imagem. A mídia trabalhou, então, na construção de uma representação, contrária a que vinha sendo discursivizada, recortada do imaginário que ainda estava se construindo acerca dessa figura, convidando o leitor a compartilhar do seu ponto de vista frente a esta realidade.

Sem a pretensão de descobrir “a verdade” sobre Hugo Chávez, o que buscamos com esse trabalho é observar as representações sobre Chávez veiculadas pela imprensa nacional e internacional no período que compreende a campanha para as últimas eleições presidenciais na Venezuela, em agosto de 2012, até às novas eleições presidenciais para sua sucessão de Chávez, em abril de 2013, com vistas a que possamos analisar os lugares que ocupa, nesse discurso midiático, a figura de Chávez. Por meio da análise, procuraremos observar como se articula o discurso midiático para a construção das representações sobre o ex-presidente venezuelano diante do imaginário criado sobre ele, partindo da consideração de que não há neutralidade em tal discurso, uma vez que “todo o dizer é ideologicamente marcado.” (ORLANDI, 2007, página 36). Nossa análise se centrará, inicialmente, nos processos de designação por meio dos quais se constrói/reproduz, no *corpus* em análise, a imagem de Chávez.

## **2 DISCUSSÃO TEÓRICA**

A mídia exerce uma grande influência na relação do homem com o mundo. Trabalha interpretando e analisando a realidade, de maneira que, ao agir assim, acaba por estabelecer um juízo de valor sobre ela. Concordamos com Gregolin (2003, p. 97) quando afirma que “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da

sua relação com a realidade concreta.” (GREGOLIN, 2003, P. 97). Dessa forma, essa construção simbólica se porta como um “saber comum”, com o qual o sujeito se identifica ou é induzido a se identificar. Esse “saber comum” está composto por diferentes discursos, que, a partir do modo como são articulados pelo meio midiático, inauguram determinadas linhas de sentidos sobre as quais se constrói um imaginário social, resultando no modo como a opinião pública se posiciona em relação a alguém ou a algum acontecimento.

A mídia trabalha, portanto, (des)construindo e reiterando imaginários, conceito que para Pêcheux (1975) remete ao conjunto de teias discursivas que provocam sentidos sobre si e sobre os outros. O imaginário é um sentido recortado da memória que passa a ser planejado devido a sua repetição incessante em uma conjuntura social dada. É no interior deste imaginário que um sujeito se identifica e/ou percebe o outro como diferente, devido ao compartilhamento de determinada orientação discursiva ou a percepção de que o outro está inserido em outra. A partir dessa percepção, segundo Gregolin (2003, p 98), “vem a visualização do sujeito como parte de uma coletividade” e, assim, sua atuação sobre ela.

Na construção do discurso midiático há também a influência do que Pêcheux (1997) vai chamar de formações imaginárias. Estas se referem ao quadro de projeções criado pelos interlocutores nos processos discursivos. Isto é, em um acontecimento discursivo, os sujeitos projetam imagens “que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (idem). Ao estabelecer essas projeções o modo como o discurso vai ser proferido sofre modificações diante da imagem que se tenha da recepção do outro, pois “todo processo discursivo supunha, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, sobre o qual se funda a estratégia do discurso” (PÊCHEUX, p. 1997).

Essa antecipação imaginária do lugar que o outro ocupa é inerente ao funcionamento discursivo e revela-se um processo complexo, não linearizado, da ordem do inconsciente, o que implica dizer que não está relacionado à intencionalidade do sujeito, visto que, para a AD o sujeito está tomado por um assujeitamento ideológico agindo, desse modo, pelo esquecimento. Sobre essa

noção de sujeito cabe aqui fazer uma pequena explanação, já que o que está em análise são os imaginários construídos nos discursos por/sobre sujeitos.

O sujeito para AD é constituído pela história e pela ideologia, fatores que vão determinar seu discurso. O sujeito, porém, não se dá conta que o que diz sofre essas determinações. Diante disso, seu discurso pode conter espaços de previsibilidade, pois ele tende a repetir os sentidos que se produzem a partir da formação ideológica em que se insere. Esses sentidos repetidos transformam-se em regularidades discursivas que podem contribuir para a sedimentação de um imaginário acerca de algo que circula como um saber consolidado nessa Formação ideológica. Algo que devido a essa sedimentação tem seu sentido maximizado.

Esses funcionamentos, no entanto, se dão sem que deles o sujeito tenha controle, ou seja, são funcionamentos próprios do discurso, que não são arquitetados pelo sujeito. Pêcheux (1997) vai dizer que isso ocorre porque o sujeito é duplamente afetado, pelo inconsciente e pela ideologia. Desta forma, afirma Indursky (2008, p. 11), “é a partir deste laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da Análise do Discurso se constitui. É sob o efeito desta articulação que o sujeito da AD produz seu discurso”. Aproveitamos para acrescentar aqui que essa articulação é a condição para que haja as formações imaginárias, isto é, a interpelação do sujeito pela ideologia e o inconsciente é o que torna possível as projeções sobre o outro, realizadas pelos sujeitos em um funcionamento discursivo dado.

Também a relação da mídia com o seu público está determinada pelas formações imaginárias. Sendo assim, a partir da antecipação das projeções que o leitor produzirá, vai-se criando uma realidade que é da ordem do imaginário. Isso, claro, sempre levando em consideração as condições de produção de um acontecimento que vão ser determinantes neste processo, assim como as relações de força e poder que vão definir a posição midiática.

Representar o outro é, portanto, situá-lo no interior de um imaginário específico, a partir do qual se produz o seu reconhecimento. Esse imaginário, no funcionamento dos discursos, vai se marcando na materialidade da língua a fim de construir uma estabilização de sentidos sobre aquele de quem se fala. O processo de designação,

uma das possíveis realizações dessa materialidade, mostra-se um lugar privilegiado para observar como isso se produz.

Quanto à designação, faz-se relevante defini-la em relação a outro fenômeno, o da nomeação, tendo em vista o equívoco recorrente de tomar esses dois processos como sinônimos. De acordo com Guimarães (2005, p. 5), a nomeação é “o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome”, isto é, pode-se dizer que a nomeação está mais para classificar, ao determinar um nome para dado objeto. Já a designação estaria mais voltada para significar, uma vez que, enquanto funcionamento simbólico, expressa a significação de um nome remetida à história, ou seja, designar seria estabelecer sentidos considerando os discursos pelos quais eles são historicamente formados.

Ao estudar a designação, entendemos que sua teorização passa pelas formulações de Pêcheux (1997) acerca da noção de pré-construído. Ao retomar os estudos de Frege, Pêcheux recusa a ideia de que os nomes tenham sempre uma denotação e vai reafirmar a sua posição de que há sempre algo que pode ser dito e que se refere não a algo recuperável na estrutura de uma formulação, mas que remete a um dizer outro que se constrói antes e independentemente do enunciado proferido. Isto é, algo remetido à história, ao percurso do funcionamento discursivo de determinada designação.

Interessa-nos, então, a trajetória pela qual os sentidos vão sendo construídos, refletindo sobre o porquê desse caminho, e a partir disso propor uma compreensão fundamentada. Sendo assim, a análise dos efeitos de sentido de uma designação passa inevitavelmente pela relação entre língua, ideologia e sujeito. Partindo dessas noções e pensando principalmente no processo que tem como resultado uma designação e no sujeito que realiza essa ação, que é interpelado ideologicamente, Guimarães (2005, p.11) defende que:

Não se trata aqui do contexto, da situação, tal como pensada na pragmática, por exemplo. Trata-se de uma materialidade histórica do real. Ou seja, não se enuncia enquanto ser físico, nem meramente no mundo físico. Enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico.

Como dito anteriormente, este sujeito que enuncia é interpelado ideologicamente o que por sua vez traz o político (GUIMARÃES, 2005) como constituinte dessa ideologia. Sendo assim, isso leva Rajagopalan (2003) definir a designação como um ato eminentemente político e ainda defende que a mídia ao usar este recurso não só sugere interpretações, como também expõe sua posição frente a determinado acontecimento. “É no uso político de nomes e de apelidos que consiste o primeiro passo que a mídia dá no sentido de influenciar a opinião pública a favor ou contra personalidades e acontecimentos noticiados”. (RAJAGOPALAN, 2003, p.82)

Veremos adiante, o funcionamento dessas questões. Com a análise de dois veículos de comunicação, a revista *Veja online* e o periódico cubano *Gramna*, definimos que há duas grandes linhas de representações sobre a figura do Hugo Chávez. E que neste caso são bem opostas devido à posição ideológica de cada meio, o que representa a polaridade dos discursos acerca desta personagem latino-americana. Essas duas grandes orientações de sentido mostram a realização daquilo que esperávamos encontrar, uma série de discursos sobre Chávez que se entrecruzam, colocando-o ora no lugar de herói, em sua luta pela nação venezuelana, ora no lugar de vilão, trazendo como foco dos discursos suas manobras para se perpetuar no poder.

### **3 A CONSTRUÇÃO DO HERÓI “HUGO CHÁVEZ” NO PERÍODICO GRAMNA**

Considerando que representar o outro é inseri-lo em um determinado imaginário, identificamos, a partir da análise do periódico cubano *Gramna*, a representação do Hugo Chávez como herói. Para cristalizar esse imaginário, a mídia fortalece determinada imagem através da repetição de designações, por exemplo, e de regularidades argumentativas (CORACINI, 2007) que acabam por constituir o que chamamos neste trabalho de “saber comum” com o qual o sujeito é levado a se identificar.

Dentre as regularidades observadas, podemos destacar que o periódico cubano *Gramna* reforça um imaginário de herói sobre aquele que designa ser o “*mejor amigo de Cuba*”. Com essa designação já é possível recuperar uma memória que revela uma antiga relação amistosa entre esses dois países, o que vai determinar fortemente, no discurso desse periódico, o teor de heroicidade sobre o qual Chávez

é referenciado. Como resultado, é recorrente o uso de designações como “*líder de la revolución bolivariana, comandante y revolución bolivariana*”, que expressam a realização deste imaginário na materialidade da língua.

Essa simpatia pelo ex-presidente da Venezuela, demonstrada por este periódico cubano, se justifica por ser um jornal de caráter estatal, isto é, controlado pelo governo cujas raízes ideológicas são as mesmas compartilhadas por Chávez. Cuba e Venezuela, sob o comando de Fidel Castro e Chávez, respectivamente, se uniram em favor do desejo de unidade latino-americana. Ideal que no passado tiveram os revolucionários Simón Bolívar e Che Guevara, por exemplo, como representantes, aliás, é sobre estas figuras que Chávez assenta seu discurso buscando causar um sentimento de identificação no povo e, em seguida, sua legitimação.

Abaixo seguem algumas sequencias discursivas (SDs) retiradas do periódico Gramna, no qual observamos a construção de um imaginário positivo acerca dessa figura.

**SD1** - “Apenas despuntó en día, las calles de Caracas empezaron a colmarse de mujeres, hombres y niños provenientes de todo el país, para acompañar al **líder venezolano**.”

**SD2** - “Al fin y al cabo, **Chávez no se fue**, anda por ahí, por los llanos o por los Andes, **reforzando a Bolívar**, porque a los dos les queda mucho por hacer en América Latina.”

**SD3** - “El vicepresidente pidió a los adversarios **del líder de la Revolución Bolivariana** que respeten este difícil momento.”

**SD4** - “El Presidente Encargado de Venezuela, Nicolás Maduro, destacó este viernes el legado del **líder de la Revolución Bolivariana, Hugo Chávez**, y afirmó que sus ideales y **ejemplo** siempre estarán presentes en el rumbo de la región latinoamericana por su propia independencia.”

**SD5** - “El presidente del Parlamento, Diosdado Cabello, instó al pueblo venezolano a defender cada día más la obra y el legado del **líder bolivariano**, convirtiendo cada lágrima en fortaleza.”

**SD6** - “Respecto a la elección de este lugar para acoger el féretro **del líder revolucionario**, dijo que allí, en el Cuartel donde se inició la rebelión cívico-militar del 4 de febrero de 1992 [...]”

**SD7** - “Al referirse al legado dejado a nuestros pueblos por el **líder bolivariano**, el General de Ejército destacó la importancia de que nuestro pueblo no retroceda en todo lo que logramos avanzar con su influencia en

estos pocos años. Resulta vital —valoró— continuar luchando por la unidad del pueblo cubano y el venezolano, pero también de todos los pueblos latinoamericanos y caribeños.”

**SD8** - “En el seno de la Unión de Naciones Suramericanas (UNASUR) al **líder de la Revolución Bolivariana**, Hugo Chávez, ‘se le va a recordar como el gran impulsor de esta idea, como el gran recuperador del proyecto original de Bolívar, impulsor permanente de Bolívar, de Sucre’.”

Para cristalizar a imagem de herói, primeiramente, percebemos a ênfase que se dá na reação da população diante do falecimento de Chávez, SD1: “[...] *las calles de Caracas empezaron a colmarse de mujeres, hombres y niños provenientes de todo el país.*” E Já que o povo saiu e lotou as ruas para acompanhar o desfile fúnebre de Chávez, se faz de imediato uma associação indicando que só alguém que tivesse a aceitação do seu povo poderia ter tamanha repercussão em sua morte. Desde a exaltação dessa possível aceitação, se investe no uso de designações tais como, *líder de la revolución bolivariana, líder bolivariano, e comandante*, que retomam uma memória que não é recuperável apenas pela estrutura, mas sim, e principalmente, por remeter a um outro dizer construído anteriormente. (PÊCHEUX, 1997).

Como já apontamos anteriormente, devido ao uso da designação *bolivariana* ocorre uma identificação com esse discurso que não nasce com Chávez, mas com Simón Bolívar. Desse modo, podemos dizer que o imaginário de herói dessa personagem está fundamentado no imaginário popular acerca de outros heróis, tendo Bolívar como principal referência seguida, por exemplo, por outras figuras como a de Che Guevara. Tanto o primeiro, como o segundo carregam consigo a designação de *Libertador*, devido ao envolvimento destes em revoluções em prol do ideal de unidade latino-americana. É a partir dessas figuras heroicas do passado que Chávez buscou se legitimar frente ao povo venezuelano.

Essas três designações as quais destacamos como as mais comuns nos discursos sobre Chávez, nesse periódico, enfatizam o caráter de liderança desta figura política. Porém, não uma liderança qualquer, uma vez que estava à frente da *Revolução Bolivariana*, que ainda estava em curso, apesar dos 14 anos que esteve no poder, revolução esta com promessas de continuidade, como declarou o atual presidente da Venezuela, Nicolás Maduro.

Quando Chávez é designado especificamente de “*líder de la Revolución Bolivariana*” está destacando-se a chamada “revolução” o que basicamente seria toda a trajetória de seu governo. Autodesignando seu mandato de “revolução”, o que foi e é aceito pelo os seus aliados, como chefes de estado de outros países, inaugura-se uma rede discursiva de sentidos possíveis para esta acepção. E com a insistente veiculação tendo como resultado a cristalização dos sentidos (GREGOLIN, 2003), forma-se assim, o que chamamos de “saber comum”, isto é, um discurso tomado como verdade e aceito sem questionamentos. Com isso, os sentidos que derivam desta designação legitimam certas atitudes do agora ex-presidente, como o número de mandatos à frente da Venezuela, e exaltam alguns dos seus feitos que seriam “*el legado de la Revolución Bolivariana*”.

**SD9** - “Calificó al **Comandante** de extraordinario ser humano e insistió en que 200 años después, con la figura de Chávez, **reaparecieron el mismo raciocinio e ideales del Libertador[...]**.”

**SD10** - “Alrededor de las dos de la tarde del jueves llegó a esta capital el Presidente Raúl Castro para dar el último adiós al **Comandante Hugo Chávez Frías**, el hermano de luchas, el hombre inmenso que Cuba acogió como a un hijo. Se une así Raúl a los mandatarios que continúan llegando para al **líder** invicto de esta Patria rescatada.”

**SD11** - [...] el mayor general del Ejército Nacional Bolivariano, de la Fuerza Armada Nacional Bolivariana, Jacinto Pérez Arcay, destacó que era inevitable enlazar la figura de Bolívar con la del **Comandante Chávez**, “a quien lo vimos buscar su destino en la razón de ser de los sueños del Libertador.”

**SD12** - “Desde que se conoció la noticia de su desaparición física, el mundo ha sido testigo de las impresionantes muestras de amor de millones de venezolanos: el memorable acompañamiento del **comandante** a su Academia Militar; los honores de más de cuatro millones de personas que lo lloraron, le juraron, lo saludaron, le cantaron y lo despidieron...”

**SD13** - “Cuando caía la noche, el General de Ejército acudió a la Academia Militar ubicada en Fuerte Tiuna donde se encuentra el féretro del **Comandante bolivariano**. Allí saludó a los familiares, fue especialmente afectuoso con la madre del mandatario venezolano, la señora Elena Frías, a quien abrazó y consoló durante varios minutos. Luego se dirigió al ataúd que guarda el cuerpo de Chávez, **lo saludó militarmente** y los aplausos invadieron el lugar.”

**SD14** - ‘Ni siquiera él mismo sospechaba cuán grande era’, escribió Fidel en su despedida al **mejor amigo de Cuba**. En verdad, sus contemporáneos

sabíamos de la grandeza, realizaciones y vida revolucionaria ejemplar **del Comandante Chávez**, pero la avalancha de acontecimientos que rodearon sus 14 años en la presidencia de Venezuela, impedían aquilatar, en toda su virtud, la magnitud del líder, su legado y reencarnación en el pueblo que tanto amó. Ese pueblo sabio, que en gratitud, lo eleva hoy a la estatura de **El Libertador**.

Já a designação “Comandante” é usada na maioria das vezes sem nenhum complemento ou acompanhada pelo seu nome. O funcionamento discursivo deste termo faz referência a sua posição de militar, a qual ocupava muito antes de ser presidente. Aliás, estas designações são muito mais usadas do que a de presidente em si, o que indica que ser “Líder de la Revolución Bolivariana” ou “Comandante” é muito mais importante do que ser apenas “o presidente”, visto que, estas designações carregam consigo uma memória que são constantemente atualizadas quando postas em uso pelo discurso. (GUIMARÃES, 2005).

Sobre “Comandante” podemos começar a rastrear os sentidos possíveis para esta designação partindo, por exemplo, do meio militar. Contudo, apesar de ser um título representativo desse grupo, também indica uma posição de liderança popular. E, aqui, mais uma vez, voltamos a pensar em figuras como Fidel Castro e Che Guevara, os quais também foram designados dessa forma. Portanto, o sentido de ser “Comandante” está para além da força militar, é o líder, que tem como aspecto legitimador a massa representativa de seguidores que lhe atribui esta posição. Ainda que, a relação com o meio militar seja mais evidente como veremos mais adiante.

Verificamos a partir das regularidades observadas nas sequências discursivas acima que a designação “Comandante” é mais usual entre os integrantes do próprio governo, o que pode nos permitir dizer que se trata de um governo que se representa como revolucionário e o faz por meio também do discurso sobre si mesmo e sobre os seus. Como indica a SD10: “[...] *llegó a esta capital el Presidente Raúl Castro para dar el último adiós al Comandante Hugo Chávez Frías, el hermano de luchas, el hombre inmenso que Cuba acogió como a un hijo.*”. Os efeitos de sentidos derivados a partir deste uso mostram o valor da força militar na Venezuela. Em outros lugares ser um governo militar e exaltar isso implicaria uma repulsa

devido à carga histórica que carrega esse termo, como a alusão aos regimes militares, por exemplo, sistemas baseados na censura e na repressão.

Porém, isso parece não se realizar no contexto venezuelano, pelo menos é o que conseguimos perceber partindo do discurso de periódicos como o Gramma, que apoiam o governo de Chávez. Considerando a Venezuela e como esta designação é discursivamente utilizada, ser “Comandante” e presidir o país militarmente está diretamente vinculada à ideia de “Revolução Bolivariana”, que seria uma revolução de caráter social e econômico que Chávez iniciou em 1992, ano em ocorreu a tentativa de golpe prematuramente fracassada, porém dando a Chávez uma notoriedade da qual soube fazer proveito. Então, de certa forma, o caráter militar do “Comandante” é relativizado pela sua função de “Líder de la Revolución Bolivariana”, fato que é construído para tentar unir o povo segundo o mesmo ideal, así como presenta la SD13, na qual a união entre o termo “Comandante” e “bolivariano”: “*Cuando caía la noche, el General de Ejército acudió a la Academia Militar ubicada en Fuerte Tiuna donde se encuentra el féretro del **Comandante bolivariano***”.

A partir dessas designações destacamos ainda o termo “*bolivariano*”, que exerce a função de adjunto nominal, e que faz referência direta a um discurso predominante nessas notícias que exaltam Chávez: *a recuperação da memória do Simón Bolívar e de sua revolução*. Fazendo um movimento inverso do predominante na época, Chávez não procurou ter como referência ideológica um nome universal como o de Karl Marx, por exemplo. Buscou sua referência no nacionalismo latino-americano, no local, no mito venezuelano do libertador Bolívar. (MARCANO; BARRERA, 2006). Com isso tentava justificar e legitimar suas ações, dizia: “*O verdadeiro autor desta libertação, líder autêntico desta rebelião, é o Símon Bolívar*”<sup>4</sup>. Desta forma, falar de Chávez é recuperar em algum momento a memória de Bolívar, SD9: “*Calificó al **Comandante** de extraordinario ser humano e insistió en que 200 años después, con la figura de Chávez, **reaparecieron el mismo raciocinio e ideales del Libertador[...]***”. E essa relação simbólica criada por ele é sustentada até hoje por

---

<sup>4</sup> SÁNCHEZ, L., “Já se começam a ouvir as caçarolas.” (Jornal *El Nacional*, 2 de março de 1992) in MARCANO, CRISTINA; BARRERA, ALBERTO. Hugo Chávez sem uniforme - uma história pessoal. Rio de Janeiro: Gryphus, 2006.

seus admiradores e manifesta-se através do uso insistente da designação *bolivariano*, assim como encontramos neste jornal.

Outra questão importante de se destacar ao analisar o lugar que Chávez ocupa nesses discursos que constroem um imaginário de herói, é a referência que se faz à América Latina, como na SD7: “[...] *sus ideales y ejemplo siempre estarán presentes en el rumbo de la región Latinoamericana por su propia independencia*”. Tal referência ao ideal de união dessa região também tem como origem Bolívar e seu projeto de unir a América latina, inicialmente pensada a partir da *Gran Colombia*. Equiparar Chávez e Bolívar é mais uma estratégia que o discurso midiático mobiliza para colocá-lo no lugar de herói. Mais que herói venezuelano, Chávez seria assim mais um no rol dos Libertadores latino americanos, SD14: “[...] *Ese pueblo sabio, que en gratitud, lo eleva hoy a la estatura de **El Libertador***”.

Analisando esse periódico é importante observar que ao observar que ao idealizar a figura de Chávez, suas contradições são apagadas. Essa personagem ao ser construída enquanto exemplo tem seus feitos positivos amplificados, enquanto atos negativos ou polêmicos são pormenorizados. Dentre o corpus deste jornal que foi analisado por este trabalho não encontramos referências a essas questões o que se marca como diferente da análise seguinte, que apesar de produzir a imagem de vilão, reconhece alguns pontos positivos ainda que os diminuindo. Por fim, concordamos com De Nardi e Grigoletto (2013, p.3) quando afirmam que “alçar um ator social à posição de herói é colocá-lo no centro de um processo discursivo como aquele que cristaliza em sua própria constituição, uma forma-conteúdo que é modelar, ainda que possa sofrer deslocamentos e atualizações ao longo do tempo.”

#### **4 A CONSTRUÇÃO DO VILÃO “HUGO CHÁVEZ” NA REVISTA VEJA**

O entrecruzamento entre memória e imaginário, assim como estava presente nos discursos que representam Hugo Chávez como herói, também se manifesta nas construções que o representam como anti-herói. Ao contrário daqueles, como veremos adiante, recupera-se aqui certos dizeres que foram apagados, justamente por fazer uma ruptura com a imagem do herói exaltada. Estes discursos pretendem cristalizar certos sentidos e para isto estão o tempo todo recuperando já-ditos,

procurando, com isso, fundamentação para legitimar o que se diz<sup>5</sup>. Assim como define Gregolin (2003, p. 96): “Se analisarmos o funcionamento discursivo da mídia, poderemos entrever esses movimentos de resgate da memória e de estabelecimento de uma identidade social”. Vejamos adiante:

**SD1** - Ao longo de seus 14 anos no poder, Hugo Chávez se esforçou para ampliar o alcance de sua ‘revolução bolivariana’ para outros países da América Latina. O processo de convencimento foi financiado pelos petrodólares e barris de petróleo distribuídos pela Venezuela a países aliados. Alguns dos que se alinham à cartilha do **caudilho** se apresentam como herdeiros de seu legado, mas não têm as características que tornaram Chávez a tradução do movimento. (Veja, 21/01/2013).

**SD2** - Catorze anos de **chavismo** deixam a economia da Venezuela em frangalhos. Morte de Hugo Chávez pode representar um novo começo para a economia venezuelana, que foi dilacerada por mais de uma década de sucateamento da indústria, deterioração fiscal, inflação e corrupção. (Veja, 05/03/2013).

Em oposição à representação de Chávez como herói, como visto acima, a revista *Veja* preocupa-se em representá-lo como vilão. Com as SD1 e SD2, podemos entender como se dá essa construção. Há, primeiramente, um discurso com um forte teor crítico que avalia negativamente o governo de Chávez: “*Catorze anos de chavismo deixam economia da Venezuela em frangalhos*”, seguido por uma listagem de causas - “*foi dilacerada por mais de uma década de sucateamento da indústria, deterioração fiscal, inflação e corrupção*”- que fundamenta a assertiva que se faz anteriormente, dando, assim, um caráter de “veracidade” ao discurso. Ao usar essa sequência de fatores negativos do governo venezuelano, espera-se convencer o leitor, provocando prontamente sua identificação com esse imaginário de vilão que constrói.

Ainda nessas sequências a designação “chavista” chamou nossa atenção. Uma vez que, diferentemente dos discursos de Chávez e de seus aliados políticos que se auto-designam de “bolivarianos”, fazendo uma menção clara ao Simón Bolívar, o termo “chavismo” derruba o resgate dessa memória. Sendo assim, sugere que este

---

<sup>5</sup> Para fins de análise, a revista *Veja online* foi o meio midiático escolhido para servir de amostra de como a grande mídia nacional apresenta essa personagem à opinião pública do país.

governo não está se baseando a partir do Bolívar, mas a partir do próprio Chávez. A própria formação da palavra constituída pelo sufixo “ismo” sugere essa compreensão, indicando uma ideologia baseada na “ideia de Chávez”. Com isto, apaga para o público a vinculação do Chávez com este personagem tão idealizado na América Latina e que poderia causar um efeito de identificação. A designação “chavismo” introduz também outro sentido, o qual a mídia e os opositores de Chávez usam constantemente para produzir ainda mais a não-identificação dos brasileiros com esse governo. Estamos falando da semelhança que a mídia acaba por forjar, do governo de Chávez com regimes autoritários, como nas seguintes SDs apresentadas abaixo:

**SD3** - Como ocorre nas *tirantias*, o povo venezuelano passou meses a fio sem ter uma única informação minimamente confiável e verossímil sobre a saúde do **coronel Hugo Chávez**, sendo desrespeitado no direito fundamental de inteirar-se do que se passa com quem o governa. (Veja, 05/03/2013).

**SD4** - O constante desprezo pela liberdade de imprensa e o cerceamento aos meios de comunicação privados pelo **ditador Hugo Chávez** tem resultado em autocensura da imprensa e escassa cobertura de temas cruciais para a população. (Veja, 29/01/2013).

**SD5** - [...] Esse aumento não compromete a solidez fiscal do país no curto prazo, mas representa mais um desafio para o governante que assumir o poder na ausência do **caudilho**. (Veja, 06/03/2013).

Diante das SDs 3 a 5, destacamos como recorrente o uso de designações como “*coronel*”, “*ditador*” e “*caudilho*”. Para dá sentido ao uso desses nomes no discurso Guimarães (2005) chama nossa a atenção para a necessidade de remetê-los a história, e ao fazer isso, recuperamos a memória dos governos autoritários, que assim como Chávez permaneciam muito tempo no poder, discurso este usado para legitimar a comparação feita com o uso constante desses termos. A designação “*coronel*”, SD3, nos leva ao Brasil colônia, quando os coronéis eram a “política” de uma cidade e mantinham o povo sob o seu poder, interferindo em diferentes esferas sociais como na igreja e na polícia. Com “*ditador*”, SD4, recuperamos a memória da ditadura militar, onde de igual modo, o povo se encontrava subjugado pelo poder inquestionável, desta vez dos militares.

Quanto ao termo “caudilho”, SD1 e SD5, nos parece um pouco longe da realidade brasileira. Remete a um tipo de organização vigente no pós-independência na América hispânica, onde o caudilho destacou-se por representar uma figura contraditória. Ao mesmo tempo em que exercia seu poder autoritário era o líder carismático de grande proximidade com o povo. O que se percebe com o uso desta designação como sinônimo de “ditador” e “coronel” é a atribuição de um sentido totalmente pejorativo, criando-se assim um imaginário particular para “caudilho” no cenário brasileiro<sup>6</sup>.

Sendo assim, a figura do Chávez representada pela revista *Veja* está constantemente vinculada com aspectos negativos da memória do seu governo, que a mídia insiste em recuperar e atualizar, atuando, desse modo, na não-identificação do público com relação a esta personagem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com este trabalho refletir um pouco sobre o modo como a mídia representa o outro. Entendemos que a espetacularização (GREGOLIM, 2003) midiática é um processo que mobiliza distintas estratégias e é no discurso que podemos perceber como funciona esse jogo midiático, já que é a materialidade linguística com a qual temos contato. Porém, mais do que está dito, os sentidos são construídos também pelo o que não se diz, mas que de alguma forma está interferindo na (des)construção de determinadas redes discursivas. Fala-se em (des)construção, porque do mesmo modo que a mídia dedica-se a construir um sentido, de igual modo, percebemos o movimento contrário, o de desconstrução, de tornar algo negativo o que talvez a sociedade tivesse interpretando de outra forma. Desse modo, constrói um discurso produzindo um imaginário mostrando o quão tóxico isso pode ser para a sociedade. Analisar as representações sobre Chávez na mídia nos exemplifica bem esse jogo do construir e desconstruir.

---

<sup>6</sup> Para pensarmos um pouco mais essa questão dos sentidos para *caudilho*, poderíamos rastrear outros discursos que trazem esse nome como tema. Por exemplo, em um editorial de 2007, do jornal espanhol “El país” intitulado “*Caudillo Guevara*”, o termo caudilho é construído de modo depreciativo. Já na música “*Herdeiro da pampa pobre*” da banda Engenheiros do Hawaii, caudilho tem um imagem positiva e de certa forma é exaltado. Isso serve para ratificar que a designação não se trata apenas do termo em si, mas do modo como ele é recuperado, construindo-se para ele uma direção de sentido.

Desse modo, nos concentramos em verificar o funcionamento das representações midiáticas, sobre Hugo Chávez, na cristalização de dois imaginários sobre essa personagem e o que a cerca, analisando como estes imaginários se manifestam através das designações que carregam toda uma memória sobre esta figura. Com isso, verificamos nos discursos midiáticos analisados, que há um trabalho de (des)construção da imagem de Hugo Chávez, o colocando ora no lugar de herói, ora no lugar de vilão. Com a análise, foi possível verificar que isto está marcado na materialidade da língua através do uso recorrente de designações específicas. Estas se dividem em dois grupos opostos que representam o ex-presidente da Venezuela segundo os imaginários antes identificados. De modo que, para o primeiro encontramos *Líder de la revolución Bolivariana, comandante e Revolución Bolivariana*. Já para o segundo temos: *coronel, ditador, caudilho e movimiento bolivariano*.

Concluimos, portanto, que o recurso da designação, representa um lugar privilegiado onde se pode observar como ocorre a estabilização dos sentidos de um imaginário na materialidade da língua. Entendemos que a designação funciona como um lugar, primeiramente, de construção, onde ocorre a filiação a um imaginário, e em seguida, de estabilização dos sentidos. Nos discursos sobre o Hugo Chávez, a designação surge como um recurso linguístico de grande produtividade, já que através desta notamos o entrecruzamento entre memória e imaginário, como nos mostram as figuras que são apresentadas nas SDs analisadas, que cristalizam um imaginário positivo ou negativo, recuperando a memória que carrega esses nomes. A partir daí entendemos como estes pressupostos vão influenciar a construção de determinados sentidos, que definem não só Chávez, mas também a posição a qual este meio de comunicação pertence.

## REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. 2004. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. EDIPUCRS. Porto Alegre.
- CHAUÍ, M. 2006. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. Editora Fundação Perseu Abram. São Paulo.
- CORACINI, M. J. 2007. A celebração do outro na constituição da identidade do brasileiro. In.: \_\_\_\_\_ (Org.). **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Mercado das Letras. Campinas.

- COURTINE, J.(1981). 2009. **Análise do discurso político**. Edufscar. São Carlos.
- \_\_\_\_\_.1999. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M.C.; (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Editora Sagra Luzzatto. Porto Alegre. Coleção Ensaio, n.12, p. 15-22.
- DE NARDI, F. S.; GRIGOLETTO, E.. 2013 **O julgamento nas redes: a (des)construção do “herói” nos discursos sobre o mensalão**. In: XXI Congresso da Associação dos linguísticas. Natal.
- GREGOLIN, M. R. V. 2003. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história no tempo. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. Editora Claraluz. São Carlos.
- GUIMARÃES, Eduardo. 2005. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2 ed. Editora Pontes. São Paulo.
- KRAUSE, Henrique. 2013. **O poder e o delírio**. Benvirá. São Paulo.
- MARCANO, CRISTINA; BARRERA, ALBERTO. 2006. **Hugo Chávez sem uniforme - uma história pessoal**. Editora Gryphus. Rio de Janeiro.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. 2007. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Editora Pontes. Campinas.
- PÊCHEUX, M. (1969). 1997. “Análise automática do discurso (AAD-69)”. In: GADET & HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso**. 3ª ed., Ed. da Unicamp. Campinas.
- \_\_\_\_\_. (1983). 1990. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Pontes. São Paulo
- \_\_\_\_\_.(1975). 1997. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Ed. da Unicamp. Campinas.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. **Por uma linguística crítica**: identidade e a questão ética. Parábola Editorail. São Paulo.
- ROMÃO, L. M. S.; GASPAR, N. R. (Orgs.). 2008. **Discurso midiático**: sentidos de memória e arquivo. Pedro & João Editores. São Carlos.